

Sobre Ocultismos e Protestantismos: Islândia, Brasil e França

Por Adriane Luísa Rodolpho*

A primeira observação com relação ao texto de Christophe Pons é sobre a reunião da Sociedade Psíquica (Sociedade de Pesquisa sobre a Alma de Reykjavik) que ele nos apresenta. Aos moldes de uma descrição etnográfica densa, o autor nos conduz a visualizar o ambiente em seus detalhes e as pessoas em suas singularidades, buscando familiarizar o leitor com a cena. Essa se passa na capital da Islândia - ambiente a princípio não-familiar inclusive para muitos europeus.

É provável que os pesquisadores brasileiros se sintam ambientados com esses gabinetes de sociedades psíquicas descritos por Pons em função de sua correlação com os diversos tipos de centros espiritualistas existentes no Brasil. Também na França a crença na comunicação com espíritos possui uma rica tradição de videntes e médiuns, como bem demonstra Nicole Edelman, entre outros autores¹. A Islândia, por sua vez, é apresentada por Pons como mais um exemplo onde se encontra essa representação sobre a plausibilidade da comunicação entre o mundo dos vivos e dos espíritos. A abordagem de Pons ressalta o caráter peculiar do caso islandês, já que existe uma comunidade luterana amplamente majoritária no país. Assim como os processos de secularização e modernidade são bastante diferenciados

* Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Etudes em Sciences Sociales (EHESS-Paris), Mestre em Antropologia Social e graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹ EDELMAN, N. *Voyantes, guérisseuses et visionnaires en France, 1785-1914*, Paris: Albin Michel, 1995; DARNTON, R. *La fin des Lumières. Le mesmerisme et la révolution*, Paris, Editions Odile Jacob, 1995; AUBREE, M. e LAPLANTINE, F. *La table, le livre et les esprits. Naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*, Paris, Ed. Jean-Claude Lattès, 1990; FAVRET-SAADA, J. *Les mots, la mort, les sorts*, Paris, Ed. Gallimard, 1977.

nesses três países, igualmente o são as atualizações vivenciadas tanto nos variados protestantismos quanto nos diferentes grupos esotéricos.

Luteranos no Brasil

O texto de Pons instiga duas considerações principais, a primeira referente ao campo religioso brasileiro e, mais especificamente, sobre o ambiente relativo aos praticantes de confessionalidades reformadas como o luteranismo, por exemplo. Instalada no Brasil desde o século XIX, a tradição luterana é fruto de diferentes grupos germânicos, que geraram a comunidade dos descendentes conhecidos como 'os alemães'. Oriundos das antigas regiões do império Prussiano, até hoje são falados no Brasil diferentes dialetos como o *Hunsruck* e o *Pomerano*, entre outros. A diversidade cultural entre os luteranos é ainda salientada pela religiosidade com relação às diferentes correntes teológicas: pietistas, tradicionais, carismáticos e defensores da pastoral popular convivem no seio da mesma tradição confessional.

A identidade étnica e confessional dos membros luteranos se construiu assim dentro do campo religioso brasileiro. Poderíamos aqui considerar as sugestões de Pons com relação à formação de uma sensibilidade religiosa específica, levando em consideração igualmente os quadros da diversidade interna desses luteranos. Com efeito, os trabalhos realizados sobre a religiosidade popular luterana de André Droogers² e os referentes à tradição pomerana, em particular, demonstram práticas religiosas impregnadas de caráter iconófilo. Assim como o protestantismo em geral e o luteranismo em particular, o mesmo se dá com a rica e variada tradição esotérica moderna de pensamento no Ocidente.

² DROOGERS, A. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984 e TRESSMANN, I. *Da Sala de Estar à Sala de Baile: Estudo Etnolingüístico de Comunidades Camponesas Pomeranas do Estado do Espírito Santo*. Tese de Doutorado: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, entre outros.

Eckistas na França

O segundo ponto que gostaria de comentar a luz do texto de Pons diz respeito à pesquisa desenvolvida entre o grupo Eckankar em Paris, de 1998 a 2002³. De origem norte-americana⁴ (1965) o grupo pode ser considerado como mais um exemplo de esoterismo moderno, nos termos de Antoine Faivre⁵. Praticantes da *viagem da alma* – denominação dada ao deslocamento em direção aos mundos paralelos ao plano físico – os eckistas demonstram uma forte tendência iconófila tanto em suas narrativas quanto na produção de telas de pintura, poemas, músicas e objetos informados pela cosmologia própria ao grupo⁶. Entretanto, na França o campo religioso se apresenta de uma forma peculiar com relação à atuação dos movimentos alternativos de crença, e o grupo Eckankar é nesse país considerado como uma seita, nos termos de um relatório realizado pelo governo francês⁷.

As práticas religiosas dos eckistas assemelham-se tanto à sessão descrita por Pons quanto de outras modalidades de espiritualidades esotéricas contemporâneas. Reúnem-se em salas alugadas em hotéis, e as sessões são organizadas em torno de uma platéia com um ou dois animadores. Os encontros estruturam-se basicamente em dois momentos: a primeira parte baseia-se em preleções sobre os ensinamentos da doutrina e nos testemunhos dos participantes; na segunda parte, ocorre o *Canto do Hu*, quando todos os participantes, sentados, fecham os olhos e cantam esta sílaba (pronuncia-se *hiou*) por cerca de vinte minutos, ao término do qual o animador

³ RODOLPHO, A. L. « *Les Voyageurs de l'Âme. Etude Ethnologique auprès du groupe Eckankar France - Paris* » Thèse de Doctorat. Paris : EHESS, 2002.

⁴ A sede central, o *Templo Eck*, se localiza em Minneapolis, nos Estados Unidos. É lá que habita Sri Harold Klempt, o atual dirigente espiritual de Eckankar, considerado como o 973º *Mestre Eck Vivo*. Informações sobre a organização institucional do grupo podem ser consultadas no site internet do grupo: www.eckankar-français.org

⁵ FAIVRE, A. *O Esoterismo*. Campinas: Papirus, 1994.

⁶ RODOLPHO, 2002.

⁷ GEST, A. (Président) *Rapport fait au nom de la commission d'enquête sur les sects*. Assemblée Nationale, France, 10 janvier 1996. Sobre a questão das seitas na França, ver BIRMAN, P. "Laços sem 'nós': vida familiar, conflitos comunitários e percursos religiosos". *Família e Religião*. DUARTE, L.F.D. et al (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006 e RODOLPHO, A. L. "A Questão das Seitas na França: Vitalidade Religiosa de uma Mitologia Científica?" REVER (PUCSP) dez., 2007.

retoma a atenção. Durante esse canto, realizaram-se os *exercícios de contemplação*⁸, durante os quais o eckista realiza a *viagem da alma* (essa pode ser realizada igualmente através dos sonhos).

Nessas ocasiões, a alma percorre uma série de cenários e encontra personagens previamente definidos, pois constantes da literatura eckista. Essa cosmologia propõe ao menos doze planos de existência da alma; em uma escala de evolução espiritual, os cinco primeiros planos são considerados como os mais próximos da matéria; os cinco níveis seguintes iniciam os planos da alma propriamente ditos, os mundos de puro espírito. Aos cinco primeiros planos correspondem, portanto, os corpos físico, astral, causal, mental e etérico. Uma cartografia do universo é assim estabelecida, assim como uma representação específica do corpo.

Eckankar é uma religião iniciática, o que significa que o corpus dos conhecimentos específicos da doutrina deve ser apreendido pouco a pouco pelos fiéis, que passam, a partir da iniciação, por várias etapas de desenvolvimento espiritual. O manejo destes conhecimentos passa pelo aprendizado de vários códigos e grades de interpretação colocadas à disposição dos eckistas. Decorre daí o papel, na doutrina, da interpretação de uma vasta gama de « sintomas » que os fiéis percebem: as cores, os sons, as imagens observadas devem ser explicados pelo viés eckista. Essa modalidade religiosa de tipo Nova Era, esotérica moderna ou ocultista igualmente inspirou-se na tradição hinduísta. De fato, a doutrina de Eckankar retoma a religião *Radhasoami*⁹ em suas principais proposições relativas ao som e a luz.

⁸ Os exercícios de contemplação são assim definidos por um eckista: “É preciso ver a vida espiritual verdadeiramente como um atleta que quer vir a ser um desportista de alto nível. Com a vida espiritual é a mesma coisa. Se desejamos nos tornar fortes no plano espiritual é preciso treinar. É por isso que as pessoas rezam, é por isso que os budistas meditam. É para se muscular espiritualmente. Cantar 20 minutos o *Hu* por dia equivale de 4 à 5 horas de meditação.”

⁹ A religião Radhasoami foi fundada em 1861 por Soamiji Marahaj (1818-1878) como uma dissidência da religião Sikh. Vários grupos originam-se diretamente da Radhasoami: além de Eckankar, o Movimento pelo Despertar Espiritual Interior, a Ciência da Espiritualidade e a Missão da Luz Divina, todos difundidos internacionalmente.

As influências constitutivas de Eckankar podem ser percebidas na própria trajetória do fundador do movimento – Paul Twitchell – que a apresenta como ‘a ciência secreta’ da viagem da alma, a mais antiga e vinda da ‘noite dos tempos’. Em 1950, morando em Washington, Paul Twitchell adere à *Self Revelation Church of Absolut Monism* de Swami Premananda. Ele trabalha na igreja como jornalista, tendo como função a redação de sua revista oficial. Em 1955, durante a turnê americana do indiano Kirpal Singh, Paul Twitchell se inicia, portanto, no *Ruhani Satsang (Radhasoami)*. Em 1958, ele vai associar-se à igreja da Cientologia.

Dessa forma, percebemos que Paul Twitchell ocupa um lugar não negligenciável no seio do movimento esotérico e místico nos Estados Unidos. Beneficiando-se de uma popularidade crescente, Twitchell mantinha relações com o Instituto Californiano de Parapsicologia, o qual representava uma das vanguardas dessa subcultura. Ele ocupa nesse Instituto o posto de conferencista durante seis meses, o que auxiliou a dar notoriedade ao seu nome. Mantinha também cursos por correspondência, dos quais os anúncios apareciam em revistas especializadas em ocultismo.

Em 1965, Twitchell funda Eckankar e se proclama o revelador de uma antiga ciência da viagem da alma (e não o criador de uma nova religião). Ele reescreve sua biografia e dissimula todos os empréstimos e plágios evidentes. Numa longa série de mestres que remontariam até as origens da vida do homem sobre a terra, Twitchell se proclama o 971º Mestre Eck Vivo, o Mahanta. Através de extensa bibliografia ele apresenta uma narrativa cosmológica onde a ordem do universo é colocada ao lado de uma antropologia *lato sensu*, ou seja, de uma noção do homem e de seu processo de hominização (de suas origens e de seu destino), assim como de uma teoria soteriológica (onde são estabelecidas as possibilidades de salvação após a morte) cujas características já foram expostas em outros trabalhos¹⁰.

¹⁰ RODOLPHO, 2002.

A introspecção subjetiva num mundo imagético extremamente rico é, portanto, a base da prática eckista. Entretanto, a relação dos eckistas com o mundo dos espíritos se dá de uma forma peculiar, pois as comunicações durante as *viagens da alma* se dão exclusivamente com o *Mestre Eck Vivo* ou com os *Mestres Eck da Ordem dos Vairagi* (os antecessores a Harold Klemp e Paul Twitchell). Não ocorre, portanto, como na sessão descrita por Christophe Pons a comunicação com espíritos por intermédio de um médium em estado de transe; nas sessões eckistas todos podem participar realizando sua própria *viagem da alma*. É interessante perceber a relação entre a importância dada entre os islandeses a uma ascendência genealógica constante e longínqua e o papel da linhagem espiritual entre os eckistas.

No relato de alguns membros aparece a importância dada ao encontro com os vários personagens que fazem parte do universo eckista. A idéia de tradição de linhagens contínuas remontando à origem dos tempos é muito valorizada entre os participantes, seja com relação aos *Mestres Eck* como pelo acento dado às vidas passadas. A comunidade dos eckistas lança assim seus laços identitários numa rede de tempo e espaço ampla, seus encontros podendo acontecer atualmente, em outros planos, assim como podem ter ocorrido no passado. O depoimento de uma eckista (francesa, conheceu o grupo no Canadá nos anos 1970) demonstra esse aspecto, quando ela narra seu primeiro encontro com Eckankar:

Foi uma senhora idosa de belos olhos azuis quem abriu a porta para mim. Entrei na pequena sala e sobre a parede vi uma fotografia: Quem é esse homem? Eu o conheço! Ela me disse: Você o conhece? É um dos Mestres Eck. Então eu lhe contei que, desde criança, ele vem me procurar e nós viajamos juntos, ele me segura pela mão direita e nós voamos juntos, ele me mostrou muitas coisas! Em particular ele me mostrou a Atlântida e a vida de lá, as diferentes encarnações que eu tive e a catástrofe do fim. E ela me levou para frente de um grande quadro, com a figura de uns cinquenta Mestres, todos diferentes, todos vestidos com roupas diferentes e, no centro, numa grande coluna de luz, um mestre Eck que recebia justamente a iniciação de Mahanta. E a senhora nomeou-me todos os Mestres, uns após os outros. Durante esse tempo, ela me segurava as duas mãos e nós saímos de nossos corpos, as duas juntas. É ainda um momento

maravilhoso que posso reviver, e quando nós retornamos, ela me disse: Bem-vinda a casa. Ela soube que eu havia sido eckista em outra vida.

As principais práticas eckistas consistem na análise coletiva das *viagens de alma* efetuadas durante os sonhos e as *contemplações*. Trata-se, portanto, de práticas individuais, subjetivas e interiores. Entretanto, a leitura da significação destas práticas é o fruto de um trabalho de socialização das emoções e de aprendizagem dos conceitos da doutrina. Esse trabalho se faz coletivamente, os encontros servindo a integrar as crenças e as interpretações dos acontecimentos do cotidiano. Além da difusão dos elementos da doutrina, estes testemunhos trocados fornecem, a si mesmo e aos outros, as “provas” da ação do(s) Mestre(s) ou de outros elementos da doutrina. Se o estudo e a leitura são atividades individuais, a significação destes conceitos é organizada coletivamente, o eixo repousando sobre a oralidade e a partilha de depoimentos.

Esoterismos

Expus esses dados sobre Eckankar para, a seguir, retomar a afirmação feita anteriormente, sobre o fato de que o grupo pode ser considerado como mais um exemplo de esoterismo moderno, nos termos de Antoine Faivre (1994). Pons, em seu texto, faz referência à liberdade do uso das terminologias referentes à herança esotérica moderna. Geralmente, o sentido dado à palavra esoterismo indica – lexicalmente – uma oposição *ter*, onde *eso* remete a um dentro, interior, com relação ao termo exotérico onde *exo* aponta um fora, exterior. Entretanto, segundo Antoine Faivre, essa primeira interpretação não é satisfatória, uma vez que vários temas, tais como os escritos sobre a alquimia, seriam destinados a uma ampla circulação desde o século XVI, não indicando esse caráter de conhecimentos reservados. Jean-Pierre

Laurant¹¹ é igualmente um especialista que, assim como Faivre, traça um panorama histórico da noção de esoterismo. Para ambos os autores, a alquimia, junto à astrologia e a magia (tal como entendida na acepção renascentista) seriam as principais correntes formadoras do imaginário esotérico formado no Ocidente a partir do início do Renascimento. Aliados a esses três grandes formadores, incluem-se, ainda, o hermetismo néo-alexandrino e a *kabala* judaica e cristã. Um segundo sentido da expressão - ao lado da idéia de secreto - seria a concepção da disciplina do arcano, entendida como um lugar ou conhecimento central, que superaria as tradições e as iniciações particulares; esta interpretação advoga uma unidade transcendental de todas as tradições filosóficas e religiosas.

O esoterismo no Brasil possui uma presença significativa, podendo ser exemplificada através de uma série de grupos e sociedades, tais como a maçonaria, os grupos de teosofia, as diversas manifestações da Nova Era, os grupos orientalistas, gnósticos, alternativos em geral e todas as práticas, leituras e formas de pensamento que lhe são transversais. Uma série de terminologias designa a herança esotérica moderna, atualizadas nas práticas e crenças das diversas modalidades de espiritualidades contemporâneas. O grupo de eckistas na França e o analisado por Christophe Pons na Islândia partilham um mesmo 'ar de família', apesar das inúmeras diferenças existentes entre ambos.

As pesquisas etnográficas apresentam-se cada vez mais como a via de acesso a determinadas sensibilidades religiosas que, de outra forma, podem aparecer na literatura das ciências sociais e da teologia como meras excrescências, sincretismos aleatórios ou superstições. O esforço de reflexão teórica deve acompanhar as dinâmicas modernas de crenças e representações, sob pena de não compreender a relação dos sujeitos com os significados que dão sentido às suas vidas.

¹¹ LAURANT, Jean-Pierre. *O Esoterismo*. São Paulo: Paulus, 1995.